

SERAFIM DA SILVA NETO

(“O mais atualizado linguista-filólogo que tivemos em qualquer época.” Celso Cunha)

Horácio Rolim de Freitas (UERJ – ABF –LLP)

Falar de Serafim da Silva Neto é sempre um momento de emoção, contentamento e saudades. Fui seu aluno na cadeira de Filologia Românica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sempre solícito, explicava-me as etimologias de que eu tinha dúvida. Ainda não saíra a 3.^a edição das *Fontes do Latim Vulgar*, de 1956.

Serafim foi o paraninfo de minha turma de Letras Clássicas.

Embora haja nomes insígnies no campo filológico-linguístico, em Portugal e no Brasil, poucos conheceram o latim corrente em profundidade, as ideias culturalistas e souberam, cientificamente, descortinar a história das palavras como Serafim da Silva Neto. Logo, conhecer-lhe as obras constitui a fonte indispensável para a atualização no campo etimológico.

Em 1957, vem a lume a *História do Latim Vulgar*, sob os princípios culturalistas emanados, principalmente, de um Schuchardt, onde Serafim tem oportunidade de posicionar-se sobre a etimologia de diversas palavras, sempre sob uma ótica científica. Para o conhecimento da história das palavras, o pesquisador deve entrosar a Filologia com a Sociolinguística, o folclore e a Literatura. Eis a lição de Serafim: “Dicionário que não faça a história das palavras não passará de um simples catálogo.” (apud *Manual de Filologia Portuguesa*, pág. 354).

Cada palavra tem a sua história, percalços e, muitas vezes, dificuldades em sua trajetória no tempo e no espaço. Daí a afirmação do Mestre: “O fenômeno linguístico, longe de ser linear e simples, (como julgavam os neogramáticos) era complexo e, não raras vezes, uma linha quebrada e sinuosa.” (apud *Língua, Cultura e Civilização*, pág. 41).

Outra obra de leitura obrigatória é a *História da Língua Portuguesa*, cuja 1.^a edição é de 1952. Nada igual ou melhor se fez em Portugal ou no Brasil. Assim bem a classificou o Prof. Sílvio Elia¹: “Trata-se de trabalho ciclópico” e “obra ímpar em nossa cultura”. Houve uma 2.^a edição em 1970, ainda por Livros de Portugal, com apresentação de Celso Cunha. Em 1979, a Presença Editora traz a público a 3.^a edição, com prefácio de Sílvio Elia, apresentação de Celso Cunha, índice de palavras organizado por A. G. Cunha e índice onomástico por Raimundo Barbadinho Neto. Essa obra descreve com mestria a história e a cultura de nossa língua. Nela encontramos a explicação etimológica de inúmeras palavras. Destaque-se o capítulo sobre a origem dos dias da semana e o precioso capítulo sobre a metáfora.

Seguem-se outras obras de Serafim da Silva Neto cujas lições não podem ser desconhecidas: *Fontes do Latim Vulgar*, 1.^a edição em 1938; *Ensaio de Filologia Por-*

¹ Elia, Sílvio - A Contribuição Filológica de Serafim da Silva Neto, artigo em Estudos Filológicos (homenagem a Serafim da Silva Neto), Rio, Edições Templo Brasileiro Ltda., 1967

tuguesa, Editora Nacional, 1950; *Manual de Filologia Portuguesa*, 1952; *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1956, ambas editadas pela Livraria Acadêmica; *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, Instituto Nacional do Livro, 1950, *Língua, Cultura e Civilização*, Livraria Acadêmica, 1960.

Pela segurança no conhecimento, pelo critério científico e pela visão culturalista, as obras de Serafim da Silva Neto devem ter prioridade no acervo bibliográfico de todo consciencioso pesquisador no campo linguístico-filológico.

Procurou o grande Mestre estabelecer a história externa do latim provincial para penetrar-lhe na história interna de que é exemplo a obra *História do Latim Vulgar*.

O método conhecido como *Palavras e Coisas* foi utilizado por importantes romanistas como: Karl Jaberg e Jakob Jud, Gerhard Rohfls, Paiva Boléo, aos quais acrescentamos Serafim da Silva Neto. Essas pesquisas entre a língua e as coisas vêm mostrar que, para alguns aspectos, a linguagem humana não pode ser isolada do meio em que é utilizada.

Começemos as lições de Serafim da Silva Neto com a etimologia da palavra *figado*.

A palavra *iecus*, *iecōris* (figado) no latim, diz-nos Serafim: “cedo saiu da linguagem corrente e dela não ficaram representantes românicos”. “As designações para *figado* mostram claramente como a história das palavras é parte inseparável da história da cultura”.

Sabe-se que era costume dos gregos cevar certos animais, principalmente o porco com figos, tornando-lhe o figado gordo e gostoso.

Em grego, usava-se a expressão *hepar sykotón* “figado engordado”. Em latim, **ficātum** já está documentada no séc. III d.C. em obra de Apício: *De re coquinaria*.

Ensina Serafim da Silva Neto que há correspondentes românicos tanto de **ficōtum**, quanto de uma forma **ficātum**, desta temos o espanhol *hígado* e o português *figado*.

O Prof. Serafim traça a seguinte evolução:

1.º - o grego *sykotón* foi adaptado no latim como **sícoton*, passando depois a *ficōtum* por influência de *ficum*.

De **ficōtum** passou a **ficātum**, com -a- na 2.ª sílaba, à semelhança de *hépate*, o que explica também a forma *fēcatum*, opinião esta defendida por Schuchardt.

Mais tarde é que surgiu a forma *ficātum* por influência do sufixo -atum, tão frequente no vocabulário latino.

Confirmação românica tem-se no sardo onde há as duas formas **ficātum** e **ficātum**.

2.º - Outro aspecto observado por Serafim diz respeito aos empréstimos gregos. A influência de uma língua sobre outra se efetua em camadas sociais diferentes: uma camada elevada, culturalmente, e uma camada popular.

Como exemplo cita a palavra *ídolo*, pronunciada na camada mais culta, à pronúncia grega: *idólu*, onde a penúltima sílaba era tônica, ao passo que, nas camadas populares, a pronúncia se fazia à maneira da língua original *idolu*.

Para corroborar a tese de Serafim da Silva Neto, temos a afirmação de Gaston Paris na obra *Miscellanea Linguistica in onore di G. Ascoli* (1901), onde o autor mostra, a par de **ficātum**, que havia no latim vulgar **fecātum / fecātum**. Desta última é que provém a palavra *figado* do Português (citação de Leite de Vasconcelos, em *Lições de Filologia Portuguesa*, pág. 360).

Para comprovação dessa forma *ficātum*, colhemos exemplo em obra do século VI, o tratado de culinária *Comer & Cia*, de Anthimus, sobre ensinamentos dietéticos, mais conhecida pelo título *De observatione ciborum*, que mereceu estudo de nosso Mestre Olmar Guterres da Silveira. Quando Antimo procura explicar a utilização do fígado de porco, lê-se a seguinte passagem: “*De ficāto porcino frixo penitus non expedit nec sanis nec infirmis*”.

Finalmente, Serafim procura justificar a mudança de posição do acento (**ficātum para ficātum**) através da fonética sintática em situação proclítica ou enclítica, como já ocorreu com outras palavras dentre as quais cita: *illūm* por *illum*, já aparece em Plauto, e em *illac* por *illac*, dando em português o advérbio lá.

Na obra *Manual de Filologia Portuguesa*, Serafim da Silva Neto discorre sobre obras e autores e, de alguns, faz citações corrigindo-lhes a etimologia. Huber, por exemplo, explica a evolução de *unu* para um por apócope.

Serafim corrige, lembrando que é marca na evolução da língua portuguesa a síncope das consoantes /d/, /l/ e /n/ intervocálicas, como em : *rana* > *rãa* > *rã*; *bene* > *bēe* > *bem*; *bonu* > *bõo* > *bom*.

O feminino comprova a síncope do /n/: *una* > *ũa* > *uma*.

Huber dá as formas *noscu* e *voscu* como hipotéticas, quando já estão citadas no *Appendix Probi* (séc. III d.C.) *nobiscum non noscum; vobiscum non voscum*.

Outro autor que mereceu resenha crítica de Serafim da Silva Neto foi Edwin Williams na obra *Do Latim ao Português*, original inglês, de 1938, com tradução para o português por Antônio Houaiss, em 1961. Williams tira *avô* e *avó* de *avulum* e *avulam*. Diz-nos Serafim que, no latim corrente, usava-se o diminutivo de *avia* (*avó*), isto é, *aviola*, provindo de *aviōla*, pois nos hiatos em que -i- e -e- eram tônicos, dava-se a diástole. Outros exemplos: *muliere* > *muliere*; *linteolu* > *linteolu*; *pariete* > *pariete* (houve fechamento da vogal tônica /e/; o mesmo sucedeu em *aviōlu* > *avoo* > *avô*). Nestes dois casos, em que a vogal tônica não permaneceu aberta, Serafim atribui à influência do iode, antes de haver a síncope do /l/.

Quanto ao verbo herdar, Williams admite a seguinte cadeia: *hereditare* > **hereedar* > **heredar* > *herdar*. Williams omite a sonorização do /t/ e a síncope do /d/. Serafim propõe a cadeia: *hereditare* > *herededar* > *heredar* > *herdar* com haplologia da sílaba /de/ e, depois, síncope da vogal pretônica. Williams não levou em conta a cronologia: a sonorização do /t/ se dá por volta do século V e a queda do /d/ por volta do século X.

Diz-nos Serafim que a forma *heredar* é bem documentada.

Outra crítica feita pelo Mestre a Williams é que este considera a forma verbal morre hipotética e, portanto, não documentada. Ora, já nos séculos XII e XIII, no *Cancioneiro da Vaticana*, aparecem as formas morre e morrerom. Nas Cantigas d'Amor, de Nunes, encontram-se morre e morrei. Na *Demanda do Santo Graal*, morre e morria. Conclui Serafim que as formas com dois erres criaram-se no português proto-histórico ou antes.

Caso mais interessante é o da palavra pobre, que Williams tira do latim clássico: *pauperem* > **popere* > *pobre*; acrescentando que, em algumas palavras, o ditongo *au* passa a *-o-* no latim vulgar. Não é exato, diz-nos Serafim: “o ditongo *au* manteve-se durante o período latino e o período romanço, só no século X é que se transformou em *ou*”.

Paupere e **popere* são formas divergentes, a segunda é variante dialetal.

Para explicar o /o/ de **popere*, Williams recorre a Huber: “influência de *nobre* < *nobilis*.” Pergunta Serafim: e *orix* de *auris*, e **foce* de *fauce*? Eis a lição de Serafim da Silva Neto:

1.º O ditongo *-au-* manteve-se até o século X, só então evoluiu para *-ou-*.

Exemplos nos textos do latim bárbaro:

séc. IX (847) in Leite de Vasconcelos:

“*unus ad alios aut ipsa ecclesia*”

(883) “*vendimus arbores fructuosas, sautos...*”

A forma *ou* em textos:

Séc. XIII: Notícia de Torto: “que *ouer* de seu pater”

Séc. XII: Testamento: “... assi como todo u *outro* herdamento”.

Serafim ensina que, a par das formas com ditongo *-au-*: *laudare*, *cauda*, *gaudere*, *audire*, *paupere*, *fauce*, existiram as formas monotongadas (*au* > *o*) de origem dialetal, influência úmbria onde encontramos *toru* por *tauru*.

Daí admitir Serafim as formas **lodare*, *coda*, **godire*, **odire*, **popere*, **foce*. Estas formas explicam as do português arcaico: *loar*, *coa*, *goir*, *oir* e, portanto, *pobre* e *foz*. São formas antigas do latim que não ocorreram em todas as palavras com o ditongo *-au-*.

Serafim cita exemplo de Festo: “*Orata genus piscis a colore auri dicta, quod rustici orum dicebant ut auriculas, oriculas*” (apud Fontes do Latim Vulgar, pág. 121).

Lembramos que o Appendix Probi já registrava *auris non oricla*.

Conclui Serafim: Já Meyer-Lübke ensinava:

A história do ditongo *-au-* mostra, de modo mui instrutivo, que as correntes dialetais que se manifestavam em Roma no princípio da nossa era não foram absorvidas pela língua geral. (*História do Latim Vulgar*, pág. 155,157).

Várias outras etimologias foram solucionadas por Serafim, através de critério científico, procurando, quando possível, abonação em textos ou correspondentes nas línguas românicas. É o caso da palavra cadeira da qual, em geral, os dicionários trazem uma evolução inconsistente, sem fundamentação científica.

Parece simples derivar cadeira de *cathedra*. Serafim procedeu a um estudo intenso, pesquisando alterações por que a palavra passou até chegar ao étimo correto.

Traçando-lhe o roteiro, Serafim diz-nos que *cathedra* passou a *ca-thetra* pela alteração do grupo consonantal -dr- a -tr-, fato ocorrido, por exemplo, em **taidros* > *taitros* > *taeter*, estando a forma *ca-thetra* documentada no *Fragmentum Muratonianum*, do século II d.C. Tal mudança explica-se por ser a terminação sentida como sufixo, assimilada, por exemplo, a *fenestra*.

De *cateira* surgiu *cateira* pela dissimilação t-t > t-c. Segundo Sommer, citado por Serafim, há exemplos dessa dissimilação tr > cr. *Cateira* já aparece em inscrições pompeianas, afirmação esta que devemos a Serafim da Silva Neto.

Portanto, a palavra cadeira representa a evolução de *cateira* em que, além da sonorização -t-> -d-, houve, aí sim, vocalização do fonema velar /k/.

Cateira explica, também, o it. *carrega*, o calabrés *cateira* (forma esta registrada no *Dizionario Dialettale Ter Calabrie*, de Rohlfs) e o veneziano *cade-gla*.

Meyer-Lübke no REW já registra *ca-thetra* e *cateira* e na Grammaire explica: “Mas o português cadeira e o espanhol cadera oferecem o mesmo tratamento que *integer* (> *integro*)”.

Conclui-se que Meyer-Lübke já admitia a evolução *ca-thetra* > *cateira* > *cateira*, antecipando-se ao estudo de Serafim da Silva Neto.

É oportuno o estudo da origem da palavra lugar, que os dicionários teimam em tirá-la de *localis*, com -o- na primeira sílaba.

Já dissemos que o campo etimológico é tarefa árdua, requer, no caso da origem latina, um profundo estudo das várias camadas da linguagem corrente para a explicação de diversas palavras que têm desafiado a competência e a argúcia dos filólogos. É o caso da palavra lugar, cuja solução etimológica devemos a Serafim da Silva Neto.

No capítulo Subsídios para a reconstituição do latim corrente, da História do Latim Vulgar, pág. 124, Serafim nos dá um dos objetivos do conhecimento da história e da cultura das línguas: “indica algumas das tendências que se iam realizando, em graus diversos, de acordo com as condições e a educação dos grupos falantes, as épocas e os lugares”.

Diz-nos o grande filólogo que era tendência no *osco* o fechamento da vogal o a u (*dunum* por *donum*).

No *sermo rusticus* ocorria a mesma alteração fônica, como *lucus* por *lōcus*. Da base *lōcus* surgiu *localis*, enquanto *lucus*, *lucalis* é forma que explica o termo *lugar* em português, espanhol e asturiano. De *lucus* formou-se também *alugar*

(*ad + lucare*). Comprovando ser *lucus* forma documentada, Serafim cita Schuchardt (in *Der Vokalismus des Vulgärlateins*) e Seelman (in *Aussprache des Latein*), op. cit. pág. 149.

Também, diz-nos Grandgent que já em inscrições antigas, às vezes, se encontram formas com *u*, a par de *o*, exemplificando: *lucus*.

Outro estudo que mereceu a atenção de Serafim da Silva Neto foi o tratamento das consoantes geminadas.

Sabe-se que, na evolução do latim corrente para o português, as consoantes geminadas simplificam-se, como: *peccatu* > pecado, *caballu* > cavalo, *stupa* > estopa, ao passo que as consoantes simples intervocálicas alteram-se pela sonorização ou pela síncope, como: *pacare* > pagar, *amatu* > amado, *salute* > saúde e, em alguns casos, permanecerá: *paucu* > pouco, *cautu* > couto, *calore* > calor por causas diversas.

Em muitas palavras do latim corrente, causas específicas alteram a forma original sem cujo conhecimento não se faz a correta evolução. É o caso da palavra *bruto*. Havia *brutu* tanto no latim literário quanto no latim corrente. Se a palavra em nossa língua adviesse de *brutu*, teríamos, certamente, *brudo*, em virtude da sonorização. Como explicar-se a linguodental surda? Eis o trabalho do filólogo, a importância do pesquisador.

Serafim da Silva Neto diz-nos: “Muitas palavras tinham duas formas de acordo com os dialetos latinos:

- a) com vogal longa + consoante simples: *būca, pūpa, brūtu*;
- b) com vogal breve + consoante dupla: *bŭcca, pŭppa, brŭttu*.

Observe-se o exemplo que ocorre no texto do *Satiricon*², de Petronio: “*Hodie non būccam panis invenire potui*”.

Mas a principal causa, que explica aquelas formas geminadas, nos dá Serafim da Silva Neto (apud *Fontes do Latim Vulgar*): “Na linguagem corrente ocorre geminação de caráter expressivo em várias palavras”. *Bruttu*, portanto, é o étimo de *bruto*, havendo, apenas, a simplificação da consoante geminada.

A mesma lição encontramos em Ernout-Meillet in *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, pág. VIII:

Il y avait aussi des mots de caractère “populaire”, reconnaissables à beaucoup de traits, vocalisme radical a gémiation de consonnes intérieures, etc; ces mots ont souvent une valeur affective”. E ainda : “Le vocabulaire “populaire” est aussi instable que le vocabulaire aristocratique est permanent.

É oportuno lembrar a evolução do encontro consonantal -tl-. Sabemos que vários encontros consonantais em palavras do latim literário sofreram alterações na linguagem corrente, gerando em português um novo fonema, como é o caso

² Diaz y Diaz, Manuel C. – *Antología del Latin Vulgar*, Madrid, Editorial Gredos, 1950, pág. 18.

advindo da palatalização. Assim, o encontro -tl-, após a síncope da vogal postônica *vetulus* > *vetlus* na linguagem falada, foi alterado para -cl-: *veclus*, surgindo daí a forma do português velho.

É antiga a explicação de Tagliavini ³:

Il nesso tl, che già nel Latino preistorico era passato a cl (**potlom* > *poclom*, *poculum*) mantenne la medesima tendenza anche nel Latino Volgare, quando venne a formarsi in seguito alla síncope di vocale atona, e così, come già si è accennato, tl nato da t'l, passa a cl (*vetulus* > *vetlus* > *veclus*). Questa tendenza è operante in tutto il Romanzo, anche in tempi posteriori.

Idêntica lição nos dá Serafim da Silva Neto⁴ :

O tratamento tl > cl, verificado no latim corrente, é velha tendência da língua. O *Appendix Probi* registra: *vetulus non veclus, vitulus non vi-clus, capitulum non capiclum*.

Cita-nos Serafim um exemplo do século V, quando o médico Marcelo Empírico recomendava o suco de ascla, palavra tirada de *hastula* (varinha, graveto). Dessa forma popular com o encontro -cl- recebemos a palavra *acha* (pedaço de madeira).

Creio que pudemos constatar, pelos exemplos apresentados, a importância do pesquisador, do etimologista, e o que a língua portuguesa deve ao eminente filólogo, Mestre Serafim da Silva Neto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRÉAL, Michele e Bally, Anatole. *Dictionnaire Étymologique Latin*, 5.^a ed., Paris, Librairie Hachette e Cie, 1902.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio, Editora Nova Fronteira, 1982.

DIAZ Y DIAZ, Manuel C. *Antología del Latin Vulgar*. Madrid, Editorial Gredos, 1950.

ERNOUT, A e Meillet, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. 3.^a ed., Paris, Librairie C. Klincksieck, 1951.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 1.^a ed., Lisboa, Editora Confluência, 1956.

MEYER-LÜBKE, W. *Romanisches Etymologisches Wörterbuch, Heidelberg, Carl Winter*. Universitätsverlag, 1992.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 1.^a ed., Rio,

³ Tagliavini, Carlo – *Le Origini delle Lingue Neolatine*, terza edizione, Bologna, Casa Editrice Prof.

Riccardo Pátron, 1959, pág. 201.

⁴ Fontes do Latim Vulgar, pág. 77.

1932.

_____. *Dicionário Etimológico Resumido*. Instituto Nacional do Livro, MEC, 1966.
SILVA NETO, Serafim da - Formação do Latim Corrente, Petrópolis, Tip. Patronato
Cruzeiro, 1941.

_____. *Fontes do Latim Vulgar*. Rio, 3.^a ed., Livraria Acadêmica, 1956

_____. *História do Latim Vulgar*. Rio, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio, Livraria Acadêmica, 1952.

_____. *História da Língua Portuguesa*, 1.^a ed., Rio, Livros de Portugal, 1952.

TAGLIAVINI, Carlo. *Le Origini delle Lingue Neolatine*. 3.^a ed., Bologna, Casa
Editrice Prof. Ricardo Pátron, 1959.

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. 3.^a ed., Rio de
Janeiro, Livros de Portugal Editora, 1959.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português*. Rio, Instituto Nacional do Livro,
MEC, 1961 (traduzido por Antônio Houaiss).